

# Cinema

## A arte do silêncio

O cineasta italiano Michelangelo Antonioni foi capaz de captar em sua obra o universo das sensações, traduzindo-as em belas imagens

Por Beatriz Scavazzini



Cláudio Porcarelli

Antes de descobrir sua vocação para o cinema, Antonioni estudou Economia. Aos 28 anos, formado, começou a frequentar o Centro Sperimentale di Cinematografia, em Cinecittà

Longas cenas sem diálogos nem trilha sonora, complexas tomadas de câmera e uma inigualável riqueza de imagens. Esses são elementos de um típico filme de Michelangelo Antonioni, o mestre do cinema contemporâneo, que faleceu no dia 30 de julho deste ano. Para os admiradores, fica sua obra: uma coleção de mais de 40 filmes consagrados como clássicos. E todos centrados na busca de um entendimento maior da complexidade da alma humana. Nascido em Ferrara, em 1912, Antonioni viveu a maior parte do tempo em Roma, e foi ao lado de Enrica Fico, com quem se casou em 1986, que viveu os últimos anos de sua vida. Em busca de um equilíbrio entre o imaginário e o real, Antonioni fez de sua obra uma caixa de Pandora, onde os mais íntimos desejos do homem são revelados a todo instante, por meio da força de sua estética.

### A consagração

Recém-formado em economia pela Universidade de Bologna, aos 28 anos o jovem mudou o curso de seus estudos e passou a frequentar o *Centro Sperimentale di Cinematografia*, em *Cinecittà*, um dos maiores estúdios da Europa. Foi quando conheceu os mais importantes diretores da época: Fellini, Pasolini e Rossellini. Para este último, produziu o roteiro de *Un pilota ritorna*, em

1942. Os consagrados neo-realistas incentivaram o novo talento a trabalhar com a vertente que tinha como princípio enxergar a Itália com os olhos sangrentos do pós-guerra.

"A exemplo de inúmeros cineastas surgidos nos anos 40, 50 e 60, Antonioni recebeu forte influência das idéias neo-realistas. Depois, como muitos de seus contemporâneos, entre os quais Federico Fellini e Luchino Visconti, amadureceu o próprio estilo e passou a se dedicar a temas que lhe interessavam", explica o crítico de cinema do jornal *Folha de S.Paulo*, Sérgio Rizzo.

Assim que começou a gravar seus primeiros filmes, na década de 50, passou a enfatizar a importância de compreender o que era a realidade. O foco agora estava direcionado não mais para os personagens, mas para o que acontecia entre eles. As sensações, as emoções e as angústias do ser humano passaram a ser o cerne de seus filmes.

Em suas tramas, os personagens já não faziam parte de uma parcela marginalizada da sociedade que, aos poucos, tentava reconstruir a Itália. Antonioni desvendou a alma humana e fez dos seus filmes um meio para tratar da incomunicabilidade. Ainda hoje, esse tema é abordado com bastante frequência. O cinema, o teatro e a pintura vez por outra trazem à tona os problemas da comunicação entre os amantes e seus desdobramentos.

### A descoberta do novo mundo

Já consagrado na Europa, Antonioni muda-se para os Estados Unidos e lá, em 1966, roda seu maior sucesso, que consolidou seu nome internacionalmente, *Blow-up - Depois daquela beijo*, cuja narrativa é baseada no "As babas do diabo", do escritor belga, que passou na Argentina a maior parte de sua vida, Julio Cortázar. Por esse filme, o diretor foi indicado ao Oscar nas categorias de melhor direção e roteiro. Michelangelo Antonioni também recebeu premiações nos mais importantes festivais, entre os quais, o de Cannes (1955) e o de Veneza (1997). Além disso, em 1994, recebeu o Oscar pelo conjunto de sua obra. Passou a ser reconhecido como o mestre do estilo visual, mas, por apresentar o intimismo das situações, é tido por alguns críticos, até hoje, como o poeta do tédio.

### O conjunto da obra

*L'avventura* foi seu primeiro filme a alçar vôo e conquistar o mundo pela ousadia e pelo ineditismo de seus temas. Foi nele que se lançou a musa Monica Vitti. Logo na seqüência, em 1961, Antonioni rodou *La Notte*, que contou com a atuação de Marcello Mastroianni (um dos galãs da época), e *L'eclisse* (1962). Juntos, formaram a "Trilogia da incomunicabilidade humana". Já no ano de 1964, é a vez de surgirem as cores na obra de Antonioni. O primeiro filme que fugiu da plástica em preto-e-branco foi *Dilemas da vida (Il deserto rosso)*. Outro grande sucesso do diretor é *Zabriskie Point*, lançado em 1970. Em seguida foi a vez de surpreender o público com o longa *Profissão: repórter (Professione: reporter, 1975)*, que tem poucas pausas, muitas falas e movimentos de câmera que representam um experimentalismo técnico muito copiado posteriormente. Dez anos depois, em 1985, Antonioni sofreu um derrame que o deixou com restrições nos movimentos e na fala. A partir de então, seus filmes são ainda mais um reflexo dos conflitos humanos com os silenciosos questionamentos sobre o mundo circundante. A última produção dele foi *Eros*, gravado em 2005. Antonioni deixa uma vasta gama de filmes que nos dão a possibilidade de tentar compreender nossa existência. Mas, mais do que isso, o diretor contribuiu para que o cinema moderno retomasse aspectos anteriormente focados pelas tradicionais expressões teatrais, como o teatro grego e suas tragédias e, autalmente, pelo cinema mudo. Sobre quem ocupará o posto de mestre contemporâneo no cinema, Rizzo diz: "Um pouco de Antonioni se enxerga, por exemplo, no alemão Wim Wenders, no chinês Jia Zhang-ke, no brasileiro Karim A'inouz. Encontramos neles o esforço de traduzir em imagens o chamado 'mundo interior', de tratar das dificuldades de comunicação entre as pessoas e de explorar angústias existenciais da sociedade contemporânea, sobretudo aquelas relacionadas à identidade".



As filmagens de *A aventura*, de 1960, o primeiro filme do diretor que obteve grande sucesso (acima e à esquerda)



Blow-up – Depois daquele beijo, de 1966, filme rodado nos Estados Unidos que consolidou o nome de Antonioni no mundo (abaixo)



Michelangelo Antonioni - A Filmografia Completa - Editora Taschen



Michelangelo Antonioni - A Filmografia Completa - Editora Taschen

Antonioni nas filmagens do curta-metragem *Roma*, em 1990

"No vazio, nos espaços silenciosos do mundo, ele encontrou metáforas que iluminam os lugares silenciosos de nossos corações e descobriu neles uma estranha e terrível beleza."

Jack Nicholson - ator

"Antonioni mostraria o vazio das ruas, as almas cheias de tédio - pior do que o medo."

Carlos Heitor Cony - cronista

"Antonioni nos faz tomar consciência de algo inteiramente estranho e incômodo, algo nunca antes visto no cinema."

Martin Scorsese - diretor

"Ele é um alquimista da intimidade, o arquiteto do tempo e do espaço no cinema contemporâneo."

Gilles Jacob - presidente do Festival de Cannes